****

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH

ESCOLA DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA

YASMIN DOMINGOS GUIMARÃES

**A AUSÊNCIA DE LIMITES E A RELAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS COM A FAMÍLIA, A ESCOLA E OUTROS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM.**

ORIENTADORA: PROFª DOUTORA LÉA TIRIBA

RIO DE JANEIRO, 2014

YASMIN DOMINGOS GUIMARÃES

**A AUSÊNCIA DE LIMITES E A RELAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS COM A FAMÍLIA, A ESCOLA E OUTROS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM**

Monografia elaborada pela aluna Yasmin Domingos Guimarães como requisito para a conclusão do Curso de graduação de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro sob a orientação da Profª Drª Léa Tiriba.

ORIENTADORA: PROFª DOUTORA LÉA TIRIBA

RIO DE JANEIRO, 2013

**Agradecimento**

Mais um ciclo se encerra em minha vida. Depois de quatro anos estou na reta final. Foi uma caminhada longa, com percalços e obstáculos. Apesar de algumas das vezes ter parecido ser solitária, sabia que não estava sozinha, pois haviam muitas pessoas me dando suporte, mesmo que eu não percebesse ou não conseguisse ver. E é para elas que dedico mais uma vitória.

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sei que Ele esteve à frente de todo o meu caminho. Tudo o que passei, as pessoas com quem me relacionei, tudo que me foi proporcionado, foi feito de acordo com os planos dEle para a minha vida. E por mais que eu não entenda agora, uma hora verei e entenderei seu planos para minha vida. Obrigada Deus! Obrigada pela minha família, por escrever certo por linhas tortas. Obrigada pelo curso, pelos meus professores, pelos colegas e amigos que fiz ao longo dessa estadia na UNIRIO.

À minha mãe, uma verdadeira guerreira. Meu grande exemplo, minha base, meu porto seguro. Ela, que a todo momento me proporcionou tudo o que pôde e o que não pôde também. Ela que não mediu esforços para que eu chegasse até aqui e que é a grande responsável por tudo que já conquistei e a razão para eu querer ir além. Essa vitória, mais que minha, é sua.

Ao meu pai, que no meio do caminho, foi torcer por mim lá de cima, do lado de Deus. Ele que nunca foi perfeito, mas também sempre fez de tudo por mim. Ele que está na memória e, pra sempre no meu coração. Ele que me deu exemplos, me proporcionou muitas histórias, muitas risadas e que hoje não pode estar aqui comigo fisicamente, mas que comemora e continua olhando por mim lá de cima. Esse é especial pra você, pai!

Ao meu irmão, que sempre centrado me ensinou a ser um pouco mais racional. Apesar de mais novo, com ele também aprendi muito: a pensar antes de falar, a ser mais cautelosa, a ser protetora, a dividir, a escutar. Sei que posso ser frágil em alguns momentos, pois você será forte para manter o equilíbrio.

À minha avó Cremilde e a minha tia Regina. Tão essenciais, tão presentes, tão importantes. À matriarca da família, mais um diploma pra família. Orgulho da neta. Você merece todo o reconhecimento e a dedicação que hoje temos por você. À tia Regina, que sempre sorridente, mostrou a alegria de viver, de sair, de estar com os meus. À tia única, mas a mais cabeça-dura também. Agora somos colegas de profissão.

Àqueles que já se foram, mas que sem eles eu não seria quem sou: meu avô Hugo Guimarães, minha tia avó Zélia e minha querida tia Margarida. Meus professores antes mesmo da época de escola.

À meus tios, tias, primos, parentes. Todos vocês contribuíram de alguma forma minha formação. Levo dentro de mim um pouco de cada um e espero poder transparecer e levar a todos os valores que aprendi na convivência com vocês.

À Amanda Pessôa, minha fiel escudeira durante quatro anos. Um reencontro maravilhoso que a vida me deu. Obrigada por todos os puxões de orelhas, os conselhos, as brigas, as ajudas, os abraços, a cumplicidade. Você me carregou e me levantou quando não tinha mais forças. Você comemorou comigo, sofreu comigo. Você merece um espaço especial nesse agradecimento, assim como tem em minha vida. À você e a sua família também o meu agradecimento.

Aos meus amigos de UNIRIO Bruna “Maya”, José Mauro, Julia Laska e Lorraine Ferreira. Porque vocês foram o melhor presente dado pela faculdade. Acima do diploma, prezo pela qualidade dos meus relacionamentos. E vocês me proporcionaram muitas histórias, muitas alegrias, muito aprendizado, em meio a trabalhos, seminários e até momentos de desentendimento. Sem vocês a faculdade não teria sido a mesma. Obrigada!

Aos meus amigos da vida, que entenderam meu sumiço em dias de prova, em finais de período. Agradecimento especial à equipe da Light, que inspirou e forneceu material para este trabalho.

À minha orientadora, professora Léa Tiriba. Obrigada por me fazer pensar e repensar em tudo que escrevi. Você, além de acrescentar na formação da profissional Yasmin, acrescentou também na formação do caráter, da cidadã. Obrigada por dividir seu conhecimento comigo e me ajudar nessa fase final.

**RESUMO**

Através de pesquisa bibliográfica e entrevistas com educadores de um museu, o presente trabalho busca refletir sobre o comportamento das crianças e jovens no espaço de centros culturais e museus, assim como as consequências da falta de limites fora das residências, em espaços diversos.

Para tal, apresento como base o início das mudanças sociais proporcionadas pelo advento do capitalismo, estando entre elas as do âmbito educacional.

É cada vez maior a necessidade de especialização dos profissionais, o que leva a um tempo maior fora de casa ou realizando tarefas outras e a uma estadia maior e mais precoce das crianças dentro da escola.

Como forma de compensar seus filhos pelo pouco tempo que passam juntos, os pais transformam o tempo de convivência em tempo de concordância com o que é pedido pelos filhos. Isso faz com que crianças sejam acostumadas com o sim e, ao sinal de qualquer contradição, elas não aceitam e discordam. Dessa forma, a escola está composta por crianças sem limites, acostumadas a ter o que pedem a todo momento. E isso se reflete em seu comportamento dentro e fora das paredes da escola.

**Palavras-chave: educação, escola, família, museus.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .......................................................................................... 8

CAPÍTULO 1: AS CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS NOS DIAS ATUAIS .. 10

CAPÍTULO 2: O CASO DO CENTRO CULTURAL DA LIGHT .................17

2.1: SOBRE MUSEUS.................................................................... 17

2.2: O CASO DO CENTRO CULTURAL LIGHT ............................ 19

CONSIDERAÇÕES FINAIS ...................................................................... 27

BIBLIOGRAFIA ......................................................................................... 28

**Introdução**

Estre trabalho tem como objetivo refletir sobre o comportamento das crianças e jovens no espaço de centros culturais. Para tal foi feita uma revisão bibliográfica com autores que tratam da educação de crianças e jovens e com autores que tratam da educação em museus, além de uma entrevista com educadores do Centro Cultural da Light, localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Durante o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, fui estagiária de dois espaços educativos: o primeiro deles uma escola particular de grande porte, que atende turmas da Educação Infantil ao Ensino Médio, localizada em um bairro de classe média na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro; e o segundo, um centro cultural localizado no Centro da cidade do Rio de Janeiro.

Ao longo de minha estadia na escola tive algumas experiências com os atores sociais presentes dentro daquele espaço que me fizeram pensar sobre a rotina de pais e alunos e como isso afeta a vida escolar destes últimos. Entre elas, uma em especial me chamou a atenção. Um dos alunos, de 4 (quatro) anos de idade tinha comportamentos agressivos e, frequentemente, debochava e provocava os funcionários da escola. Passei a observar mais de perto este aluno, pois fui auxiliar da turma dele ao longo de um ano.

Seus pais eram ambos trabalhadores de grandes empresas e, para que pudessem ser bem-sucedidos profissionalmente, percebi que acabaram dando pouca atenção à vida escolar de seus filhos. Esse aluno, inicialmente, chegava ao colégio com ambos os pais e, gradativamente, essa situação foi mudando. Começou a ser levado só pelo pai, só pelo irmão mais velho e, por último, chegava à sala de aula sozinho, sendo deixado na porta da escola. Atividades propostas pela escola eram esquecidas pelos pais e materiais solicitados não eram enviados, fazendo com que a professora tivesse que arrumar o material para que o aluno não deixasse de participar das atividades.

Além disso, o aluno tinha dificuldade em se relacionar. Ele não conseguia obedecer “combinados” e regras, e nem às professoras, à coordenadora ou aos pais, nas poucas vezes em que estes apareceram na escola. Era debochado e levava todos (inclusive alunos) ao limite, chegando a fazer com que seus colegas de turma não quisessem ficar perto dele. O mesmo comportamento se repetia no Sistema Integral, onde ficava até o inicio da noite, sendo buscado, inicialmente por seus pais, posteriormente por sua avó e, por último, pelo transporte escolar.

Em uma de suas demonstrações de falta de cuidado e desrespeito ao colega, enfiou um palito no olho de um dos alunos da sala. Seu pai, ao ser notificado, apareceu com o filho no dia seguinte na escola dando um motivo para o filho ter feito o que fez. Dois dias depois do ocorrido, o aluno apareceu com um grande brinquedo dado pelo pai. Pelo que me lembro, sempre depois de uma “confusão”, o aluno aparecia com um novo brinquedo dado pelos pais, o que significa que ele nunca era punido, mas sempre recompensado.

A consequência de atitudes como essa é que temos nas escolas cada vez mais crianças sem limites, desrespeitosas e carentes de carinho também. Por isso me senti motivada a estudar este tema.

Ao chegar em um novo espaço, o centro cultural, me vi lidando novamente com turmas mas, dessa vez, de faixas etárias, classes sociais e escolas diferentes. No entanto, alguns dos comportamentos vistos na escola se repetiam, como a relação dos alunos com os professores, a reação (cumprimento ou não) das regras do espaço, interesse, participação. Alguns dos comportamentos também diferiam dos da escola.

A partir daí, comecei a pensar em como a relação das famílias com as crianças influenciam seus comportamentos tanto na escola quanto em outros espaços que as mesmas frequentam. Por conta disso, associei minha experiência na escola com a experiência no centro cultural, resultando no tema da presente monografia, que aliou pesquisa bibliográfica à entrevista coletiva com educadores que atuam em museu.

No primeiro capítulo, falarei um pouco sobre como o advento do capitalismo modificou a realidade das famílias gradativamente pois, num contexto onde ter e poder são sinônimos, a mulher foi inserida no mercado de trabalho, a fim de complementar a renda da família, garantindo melhor qualidade de vida para os seus.

Com essa mudança, as crianças, que antes eram educadas pelas mulheres, passam a ser educadas nas escolas e, posteriormente, a permanecer, em alguns casos, em tempo integral na instituição. Sendo assim, esta última tem de se adaptar às necessidades demonstradas pelas crianças e pelos adultos.

Os pais, que passam grande parte do seu tempo trabalhando ou se especializando, a fim de obter salários cada vez mais altos, buscam, como forma de suprir sua ausência perante seus filhos, oferecer aquilo que sua força de trabalho lhes permite: bens materiais. Sendo assim, as crianças crescem acostumadas a ter aquilo que querem, uma vez que não são contrariadas ou são presenteadas a todo momento por seus pais. E esse comportamento se repete na escola.

No segundo capítulo abordarei a perspectiva dos centros culturais. Trazendo a fala de educadores do Centro Cultural da Light, que expõem suas experiências com as turmas e os professores, mostrando um olhar diferente para o comportamento dos visitantes.

Finalizo trazendo algumas considerações sobre o resultado da entrevista e como acredito que ela pode contribuir para a sociedade, uma vez que busco uma melhoria para a educação e convivência da geração futura.

**Capítulo 1: As crianças e suas famílias nos dias atuais**

Desde a Reforma religiosa europeia, onde o homem passou a ser visto como protagonista de sua própria existência, a educação começou a ganhar papel de destaque na sociedade. No entanto, foi com a revolução econômica trazida pela Revolução Industrial que os trabalhadores passaram a ter uma maior necessidade de ser escolarizados. Esse quadro levou à separação da criança da família.

Passa a ocorrer, como consequência disso, uma valorização da cidade em detrimento do campo, pois é lá onde estão as indústrias e também o trabalho e o capital. Sendo assim, a centralização na cidade implica em um maior conhecimento das ciências, o que se opõe à natureza e a seus relacionamentos.

O tempo na escola passou então a ser estratégico, uma vez que a classe trabalhadora era cada vez mais exigida em termos de escolarização e, enquanto estavam na escola, além de estarem protegidas, as crianças também estavam aprendendo, “como forma de prepará-los para o mercado econômico e profissional nascente”. (FORTUNA, 2004/2005, p.3)

Com a necessidade de os adultos trabalharem para cuidar de si e do coletivo, as crianças, que antes eram cuidadas por seus pais e pelo coletivo, passam a ser levadas para a escola.

Conforme afirma Tiriba (2001), referindo-se à realidade dos grandes centros urbanos brasileiros,

“Trabalhadores das fábricas, do comércio, empregadores domésticos, aqui pais e mães cumprem uma longa rotina de trabalho. E as crianças tem o mesmo destino: acordar muito cedo para estar na creche em torno das sete horas da manhã, e retornar para casa no final da tarde, cansadas, com sono, para estar um pouco com a família, dormir e no outro dia começar tudo de novo” (p.60)

Trazendo a questão para os dias atuais, percebemos que a educação continua sendo valorizada, mas de uma outra perspectiva. Agora, não basta ser escolarizado. É necessária a constante atualização e formação para suprir as exigências do mercado instável e inconstante que nos cerca, herança do modo de vida capitalista.

Com mão-de-obra qualificada sendo formada com rapidez e vagas de emprego mais escassas, os trabalhadores vivem uma eterna instabilidade. Para diminuir as chances de serem mandados embora, buscam manter-se atualizados por meio de cursos, novas graduações ou até mesmo pós-graduações no turno em que não estão trabalhando.

A tabela abaixo, cujos dados foram retirados do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta a pessoa de referência da família por anos de estudo.

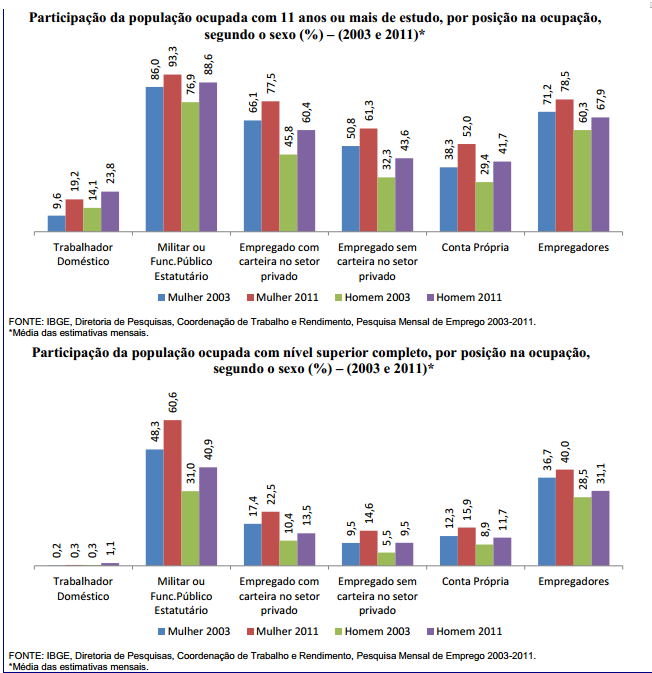
Nela podemos ver a mudança ao longo dos anos em relação à escolaridade dessas pessoas de referência. Além disso, podemos perceber o aumento da porcentagem nas faixas de “11 a 14 anos” e de “15 anos ou mais” de estudo, o que leva a acreditar que a escolarização traz importância para a pessoa dentro de seu ambiente familiar.

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Pessoas de referência da família, por anos de estudo | | | | | | | | | | | |
| Tema: famílias e domicílios; Subtema: características das famílias, perfil das pessoas de referência das famílias ou domicílios; Periodicidade: Anual; Período: 2001-2011 | | | | | | | | | | | |
| Região | OPCAO | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2011 |
| Rio de Janeiro - RJ | Sem instrução e menos de 1 ano | 8,32 | 6,74 | 6,41 | 6,74 | 6,73 | 5,69 | 5,74 | 6,37 | 6,21 | 7,27 |
| Rio de Janeiro – RJ | 1 a 3 anos | 11,56 | 12,27 | 11,02 | 11,23 | 10,23 | 9,66 | 8,59 | 8,06 | 8,46 | 7,56 |
| Rio de Janeiro – RJ | 4 a 7 anos | 27,33 | 29,06 | 28,48 | 26,99 | 26,07 | 24,88 | 22,59 | 23,06 | 23,46 | 21,8 |
| Rio de Janeiro – RJ | 8 a 10 anos | 18,56 | 17,17 | 18,35 | 17,43 | 17,19 | 18,12 | 18,93 | 18,01 | 16,59 | 16,72 |
| Rio de Janeiro – RJ | 11 a 14 anos | 23,05 | 23,28 | 23,61 | 25,68 | 26,92 | 27,57 | 30,47 | 30,16 | 30,88 | 31,63 |
| Rio de Janeiro – RJ | 15 anos ou mais | 11,02 | 11,38 | 11,95 | 11,77 | 12,76 | 13,97 | 13,52 | 14,16 | 14,35 | 14,98 |

Essa especialização possibilita uma sensação de segurança, de certeza, além de proporcionar o aumento de seus salários e, consequentemente, uma melhora na qualidade de vida.

Para que essa estabilidade fosse alcançada, a mulher, antes dedicada exclusivamente aos serviços domésticos e à educação dos filhos, começou a buscar maneiras de auxiliar na renda familiar, fazendo serviços para fora. Tendo retorno financeiro de suas atividades, conseguiu complementar a renda de sua casa e viu potencial para sua inserção no mercado de trabalho.

Como podemos observar na tabela abaixo, também baseada em dados retirados do site do IBGE, a mulher conseguiu se inserir no mercado de trabalho e tem ganhado destaque no mesmo, superando, em alguns casos, a participação masculina.



Essa situação fez com que seu trabalho inicial, de dedicação exclusiva, tivesse que ser adaptado para que pudesse dar conta de suas novas funções, conforme observação de Wagner (2005), que destaca que

“a divisão das tarefas domésticas, criação e educação dos filhos parecem não acompanhar de maneira proporcional as mudanças decorrentes da maior participação da mulher no mercado de trabalho e do sustento econômico do lar”. (p.182)

Assim, os filhos passam inicialmente a ser cuidados por parentes próximos (quando possível) e, posteriormente, pela escola que, vendo a necessidade, oferece vagas para crianças com poucos anos de vida.

No entanto, a vida laboral dos adultos traz também uma perda considerável no tempo para as demais atividades que praticavam, pois o “tempo dedicado ao trabalho avança sobre o tempo de lazer, de brincar, de não produzir, não fazer, não pensar” (Tiriba, 2001). Tempo este que, entre outros, era passado com os filhos.

De acordo com Sennett (1999), os pais encaram o trabalho como um serviço prestado à família, pois é através dele que proporcionam o sustento e as demais exigências da família. Sendo assim, as horas gastas fora de casa tem um aval filosófico, pois os adultos acreditam que só estão fora de casa para poder proporcionar melhorias e novos bens para sua família. No entanto, as necessidades das crianças não são programadas para se encaixar no tempo vago dos pais e estes, por consequência de sua ausência, não servem mais de modelo para seus filhos.

Como afirma Jobim e Souza (2006)

“percebemos que o tempo compartilhado entre pais e filhos é cada vez mais escasso. Trabalha-se cada dia mais para o aumento do poder aquisitivo e, consequentemente, do consumo. Pais chegam tarde em casa, e as crianças estão atarefadas e solitárias.” (p. 93)

Com a necessidade constante de receber crianças e até bebês para que os pais pudessem trabalhar, a escola do século XXI sofreu modificações e se reinventou em vista de atender a demanda de seu público. [[1]](#footnote-1)

Novamente temos uma mudança na rotina da vida das crianças. Agora a novidade não é a ida para a escola, mas o fato de passarem mais tempo lá do que antes. A escola começa a funcionar em dois turnos.

A educação, que antes era função da família e do coletivo, passa a ser função da escola, que agora tem que se planejar para ensinar conteúdos sistemáticos, morais e sociais, já que compartilham com os pais “a tarefa de preparar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade” (Oliveira, 2010, p.101).

A estadia prolongada faz com que as crianças comecem a criar vínculos com aqueles com quem de fato estão em contato e com quem interagem, ou seja, os professores e profissionais da escola. Dessa forma, passam a ter como exemplo seus professores, e não mais seus pais, indo de encontro com Oliveira (2010), que afirma que é

“responsabilidade familiar junto às crianças em termos de modelo que a criança terá e do desempenho de seus papéis sociais; orientar o desenvolvimento e aquisição de comportamentos considerados adequados, em termo dos padrões sociais.” (p. 101).

Temos agora uma nova questão a ser pensada: os valores morais e sociais passados pelos professores são iguais aos dos pais dessas crianças? Se não, a quem essas crianças tomarão como exemplo? Quem está certo e quem está errado?

Sem saber de fato quem é sua referência, a criança acaba ficando confusa sobre o modelo a seguir. Aliado a isso, temos um distanciamento da escola com a família, que vive sem tempo e, na maioria das vezes, é chamada à escola para relacionamentos mais superficiais, o que gera um

“quadro de desencontro, desfavorável, sobretudo, às crianças, já que suas referências afetivas fundamentais estã0o nos adultos que com elas convivem, em casa e na creche.” (Tiriba, 2001, p. 61)

Desempenhando o papel que antes era da família, são delegadas agora novas funções aos educadores para que seja suprida a ausência dos pais e para que sejam formados cidadãos críticos e prontos para atuarem na sociedade. Dessa forma, a escola e seus profissionais ficam sobrecarregados, pois além dos saberes sistemáticos que deveriam ser ensinados, há agora, também, os valores morais e sociais vigentes.

Com turmas para crianças de apenas alguns meses de vida e atividades para as mesmas, a escola teve que ter seu espaço replanejado, em vista de evitar acidentes. Seus profissionais, assim como os pais de seus alunos, têm necessidade de se atualizar, se reinventar, utilizando sua auto-crítica, para lidar da melhor forma com essas crianças que ainda não sabem explicar verbalmente o que sentem e com seus pais que depositam confiança na instituição, que além de ensiná-los, futuramente, conteúdos importantes relacionados à história, ao planeta e à língua materna, deverá proteger e cuidar dos pequenos enquanto não podem fazê-lo. Além disso, a instituição precisa de um planejamento para o contra-turno, onde a criança almoça e desenvolve outras atividades, como “a hora do sono” ou “a hora do banho”, momentos comuns nas escolas de tempo integral.

Aliado a isso, temos mais forte a questão do distanciamento da família para com a escola, o que torna a convivência e as relações ainda mais complicadas do que já eram. Os pais querem exigir da escola que seu filho seja educado em todos os âmbitos, inclusive aqueles que eram de sua responsabilidade, e os profissionais da escola querem que os pais reforcem suas decisões e quando isso não ocorre, culpam os pais pelo fracasso de seus filhos. Os professores, também devido a precariedade dos relacionamentos, acabam querendo ensinar as famílias a agir, a se comportar e a educar conforme acreditam ser a forma correta.

Como forma de reconquistar seus filhos e suprir sua ausência, os pais transformam seu tempo livre com seus filhos em uma espécie de compensação, onde não querem desagradar seus filhos para que estes continuem gostando deles, o que faz com que as crianças percebam, mesmo que inconscientemente, que conseguem manipular seus pais. Dessa forma, as crianças estão se acostumando a terem suas vontades feitas, não aceitam o “não” e acreditam que podem conseguir aquilo que querem a qualquer custo. Dentro ou fora de casa.

Jobim e Souza (2006) traz claramente essa preocupação do “afastamento da criança do mundo do adulto, ou melhor dizendo, a falência do diálogo entre as gerações”. A autora afirma que isso faz com que a criança se aproxime do mundo virtual, esquecendo ou se privando das trocas existentes entre as pessoas. Dessa forma, adultos não contam histórias e, crianças que não ouvem histórias, tendem a serem maus ouvintes, o que leva ao individualismo. Temos assim uma sobreposição do eu ao coletivo. E ainda uma exacerbação da necessidade de consumo

Tiriba (2001) trata da questão afirmando que

“Talvez possamos pensar que, frente a uma situação de perda da experiência direta com outros seres humanos e com a natureza, o consumo funciona como compensação, como panaceia para as insatisfações e frustrações decorrentes de um estilo de vida que valoriza o ter” (p. 66)

O papel multitarefa da escola em pouco tempo de estadia das crianças pode fazer com que algumas áreas fiquem deficitárias. Aliado a isso, temos a questão do pouco tempo de convivência entre pais e filhos, o que faz com que os primeiros, como forma de compensar sua ausência, acabem por fazer as vontades de seus filhos, numa tentativa errônea de conquista-los enquanto estão juntos. Todos estes fatores juntos fazem com que existam crianças sem limites, cuja socialização em espaços distintos daqueles que estão acostumados seja difícil.

Em museus, por exemplo, podemos ver turmas cujos alunos ficam dispersos, desobedecem professores e monitores, falam alto e correm, sem obedecer a comandos e combinados pré-estabelecidos. Tais atitudes incomodam àqueles que estão no mesmo espaço, uma vez que fica entendido que existem regras para sua utilização e que estas são para todos.

**Capítulo 2: Educação em museus**

**2.1: Sobre museus**

Para fins de esclarecimento, gostaria primeiro de situar os leitores sobre o que é um museu. Segundo o “Manual da marca IBRAM” (Instituto Brasileiro de Museus), o “Conselho Internacional de Museu (ICOM) definiu na Assembleia Geral de Copenhagen, em 1972” (Brasil, 2010, p. 3), o um museu como

“uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa e exibe para finalidades do estudo, da educação e da apreciação, evidência material dos povos e seu ambiente” (idem).

Dentro deste modelo, cabe ressaltar a importância destes espaços na formação do capital cultural das pessoas, pois são espaços onde os visitantes poderão conhecer, relembrar e se apropriar de fatos que fazem ou fizeram parte de suas vidas.

Sendo um espaço de “produção de conhecimento, de pesquisa, de memória e de cidadania” (Carvalho e Porto, 2013, p. 143), um museu não pode ser um espaço de exclusão, mas de inclusão. Não pode haver favorecimento de um grupo em detrimento de outro e, por isso, crianças, jovens e adultos, independente de suas classes sociais, devem ter direito ao acesso a seus acervos.

No entanto, apesar disso, muitas pessoas (profissionais ligados à educação ou não), tem certa resistência a esses espaços, pois acreditam estar relacionado ao antigo, ao velho e serem espaços entediantes, de mera exposição. E isso não reflete mais a realidade vivida.

Os museus têm modificado seus espaços como forma de se tornarem mais atrativos para seu público. Sendo assim, mediadores são fundamentais para associar o visto com a realidade, com o dia-a-dia, além de tornarem a visita instigante, fazendo com que a mesma não se limite ao espaço, mas transcenda seu espaço, levando a reflexão e à mudança de hábitos. Os mediadores também são responsáveis pela execução de atividades paralelas relacionadas ao seu acervo.

Aliado à isso, temos também o uso da tecnologia dentro dos museus, que para se tornarem mais atrativos para seus visitantes, agora são mais interativos, permitindo que sejam vivenciadas ou construídas situações que possibilitarão uma melhor assimilação do conhecimentos.

Esse novo momento vivenciado pelos museus e seus visitantes fez com que adquirissem um novo destaque no cenário educacional. Além disso, aulas, oficinas prévias com os professores, para que o conteúdo visto no museu esteja alinhado com o que está sendo visto em sala de aula ajudam muito.

Em vista disso, entrevistei parte da equipe do Centro Cultural da Light, a fim de saber um pouco mais sobre o que vivenciam e vivenciaram dentro deste espaço de educação não-formal com alunos, professores e outros visitantes.

**2.2: O caso do Centro Cultural Light**

O espaço de estudo localiza-se no centro da cidade do Rio de Janeiro e foi inaugurado em março de 2012, sendo recente sua vida. Sua equipe é composta por 01 (um) supervisor e 07 (sete) educadores, sendo 03 (três) contratados terceirizados e os demais estagiários. Além disso, a equipe conta com duas coordenadoras, sendo uma terceirizada e uma funcionária da empresa.

Antes da existência do Museu, os educadores mais antigos realizavam visitas em um outro espaço, chamado “Planeta Energia”, agora inativo. Isso faz com que haja um sentimento de apego da equipe com os espaços. Muitas das conquistas são comemoradas pela equipe como se pertencessem à empresa.

A empresa da qual o setor Educativo faz parte sede transporte para que alunos e professores de escolas públicas visitem o espaço, portanto, até o momento da entrevista, o quadro de visitantes era, majoritariamente, de alunos de escolas públicas, da Educação Infantil ao Ensino Médio, que vem acompanhados de seus funcionários. Além disso, completavam este quadro alunos e professores de escolas particulares, além de idosos e funcionários.

Buscando elementos para compreender melhor o comportamento dos visitantes do museu, foi realizada uma entrevista simultânea com o supervisor e quatro dos educadores do espaço, que trouxeram diferentes contribuições.

A fim de melhor situar, darei nomes fictícios às pessoas entrevistadas e apresentarei suas formações:

Supervisor – André, formado em história e parte integrante da antiga equipe do Planeta Energia. André era educador e, a partir da criação do Museu, se tornou supervisor da equipe.

Educador 1 – Maria, estudante de História.

Educador 2 – Luiz, um dos educadores contratados e formado em História.

Educador 3 – Ana, estudante de Pedagogia.

Educador 4 – Carolina, estudante de Pedagogia. Carolina havia sido contratada duas semanas antes da entrevista.

As perguntas feitas com os educadores foram as seguintes.

1. Relate uma experiência vivida dentro de um museu, que tenha sido marcante na sua trajetória como educador (positivas e negativas).
2. Quais são os tipos de comportamento mais comuns dos alunos dentro dos museus?
3. Dentre os comportamentos negativos que foram relatados, quais você acha que se repetem na escola e em casa? Quais deles você acredita que poderiam ser "corrigidos"?
4. Os piores comportamentos vêm dos mais velhos ou dos mais novos?
5. Que tipos de pessoas, normalmente, acompanham os alunos no museu? Existe diferença quando um visitante vai acompanhado não da escola, mas dos pais/responsáveis? O comportamento, no geral, é diferente? Com quem é melhor, mais obediente, mais focado?
6. É comum o desrespeito aos professores ou aos monitores? Os professores conseguem lidar bem com as turmas, no geral?

Com a primeira pergunta, minha intenção era trazer à tona memórias sobre visitas que tenham sido marcantes para os educadores, tenham sido elas positivas ou negativas. A fala de uma das educadoras conseguiu resumir a maioria dos sentimentos expressados pelos entrevistados.

“*Qualquer pessoa que tratar a criança com carinho e ver a criança como criança, com respeito, a criança vai se abrir e vai contar o que ela tá sentindo. (...) Se ela não encontra isso em casa, se ela não encontra isso na escola, ela vai procurar quem dê atenção.*”

Dentro da fala da educadora Carolina, encontramos muito do que os educadores expressaram em suas respostas de uma experiência positiva. Todos, sem exceção, falaram que o que mais lhes marcou foi o carinho, o afeto expressado pelas crianças. A relação de proximidade com eles estabelecida, mesmo com o pouco tempo de convivência, já que a estadia no Centro Cultural não ultrapassa o período de duas horas.

Maria destacou isso ao dizer que “*você não percebe, mas toca em pontos da vida dessas crianças. Pontos afetivos, que não é o objetivo aqui*”. E logo foi complementada por André, que afirmou que a relação de proximidade estabelecida com os estudantes faz com que os educadores pensem “*O que eu posso fazer para ajudar de alguma forma?*”. E ainda ressaltou que o fato de “*dar atenção quando ninguém dá atenção para ela já é o diferencial*”.

O educador Luiz, além de ressaltar a questão da afetividade, trouxe um novo relato de cumplicidade entre os alunos que também foi muito interessante. Ele contou a história de um grupo de adolescentes, onde um deles estava de cadeira de rodas e muleta, mas não era deficiente. E em um dos experimentos interativos do museu, onde os alunos deveriam pisar em placas no chão para poder jogar, o adolescente na cadeira de rodas não iria poder participar. Por conta disso, um dos amigos dele pegou a cadeira e o empurrava para que ele usasse a muleta, a fim de poder participar.

Como experiências negativas, tivemos três relatos diferentes. Um deles se repetiu na fala dos educadores, no entanto, o primeiro, mostrou como a realidade vivida fora dos limites da escola penetra na vida das crianças e adolescentes. Nesse caso, de forma negativa.

“*Negativamente, tem o caso do pessoal do adesivo, porque a gente identificava o pessoal com adesivo e um dos adesivos era vermelho e aí “Ah, não vou botar porque não sou Comando Vermelho”. A gente tem essa dificuldade. Como contornar isso era complicado. Um dos piores momentos foi esse. Ver que a juventude está totalmente influenciada por essas facções. Eles acham legal, eles veem aquilo como exemplo. Ao mesmo tempo é triste. Não é nem uma experiência ruim. Eu diria que é triste*”.

Essa fala do educador André, já havia sido abordada por Corsino (2008), quando afirma que o que assustou foi a

“explicitação crua da sua exposição a uma situação de risco. Tal exposição não deveria acontecer a uma criança, que tem direito à proteção, mas, por fazer parte da sua realidade, veio à tona na brincadeira, tornando-se denúncia e anúncio de possibilidade de ressignificação.” (p. 13)

Isso de fato assusta. A naturalidade com que as crianças tratam determinados temas, que fazem parte de sua realidade, mas aos quais não deveriam ser expostos, fazem com que isso se internalize e contribua negativamente, nesse caso, para sua formação.

O segundo relato, traz a questão do comportamento de algumas crianças, de escolas particulares, segundo o educador Luiz, que agem com desprezo, prepotência, faltam com educação e são arrogantes para com os educadores durante o período da visita.

Muito disso pode se dizer que é reflexo do comportamento dos pais pois, segundo Fortuna (2004), a criança quer “ser grande como o adulto” e se utiliza das brincadeiras para fantasiar sua introdução nesse mundo que, para ela, parece tão distante. As crianças se espelham nos adultos, seus modelos, e seu comportamento pode, então, ser reflexo do que têm em casa.

Após essa fala, os demais educadores ressaltaram a questão da relação com o professor.

Maria relatou uma situação em que os professores não se preocuparam com a mudança no comportamento de uma das alunas, pois a mesma, que durante a visita, estava agitada, no momento de saída do museu, modificou seu comportamento, se apresentando quieta e recolhida em um canto. Como dessa forma ela não dava trabalho, então não havia motivos para averiguar a situação, apesar de todos terem percebido a mudança. *“Nesse dia, nesse caso específico, eu acho que a postura do professor foi meio assim “Ah, ela tá com algum problema porque ela é muito, ela sempre tá malcriada, ela sempre tá muito agitada”. Aí eu fui perguntar pra professora “Professora, o que que tá acontecendo? Ela não tava assim na visita. Ela tava completamente agitada”. Aí uma virou “Ah, não, tá com dor de cabeça”, o outro “Eu perguntei ela falou que tá passando mal, tá se sentindo mal”. Então não tem nem uma preocupação em investigar o porquê*”.

Segundo os entrevistados, os professores se limitam a pré conceituar os alunos de acordo com seus comportamentos dentro da escola. Não se preocupam em saber o motivo e, muitos desses comportamentos se repetem dentro do museu, mas esses alunos se destacam de maneira positiva, pois percebem o afeto dos educadores e acabam por se abrir.

Maria - *“A gente começa a entender que o comportamento da criança na escola é afetado pelo que ela tem em casa. Então, se tem uma criança que ela é muito agitada, pelo menos na minha cabeça é assim, ou ela tem algum problema de hiperatividade ou tem alguma coisa que tem um gatilho que tá fazendo com que ela seja muito agitada, muito rebelde, muito agressiva”.*

A mesma educadora relembrou um relato de uma aluna visitante do espaço que a comoveu de maneira tamanha. A relação que a menina estabeleceu com a educadora permitiu que ela se sentisse segura para confidenciar uma situação vivida por ela. Foi uma relação de cumplicidade estabelecida com a educadora, que pareceu maior do que a com os próprios professores, com quem ela passa horas do seu dia.

“*A história daquela menina aquele dia que me arrasou. Fui pra casa me sentindo uma pessoa péssima. Ela chegou aqui, tava quietinha num canto, assim, ela tava muito agitada na visita. É uma dessas crianças que os professores tomam logo como exemplo de criança peste e os professores não tem pudor de falar que as crianças são peste, e no final da visita ela tava um pouquinho de canto, de lado. Eu fui lá falar com ela perguntar se tava tudo bem e nessa conversa ela me confidenciou que estava com saudade do pai, porque o pai tava preso e ela não podia ir visitar o pai sempre, dependia da mãe, falou que a mãe era maluca. Então aquilo ficou com um contexto de uma estrutura familiar completamente destroçada. E como isso afeta a criança. As vezes o adulto não tem noção disso. Aqui, num ambiente, teoricamente, desconfortável pra ela, que é fora de qualquer intimidade, com qualquer pessoa que ela tenha, comigo, que ela passou um período muito pequeno do dia dela comigo, ela me confidenciou isso. Não é só aqui. É todo um contexto de vida das crianças”.*

Esse momento de atenção que a educadora proporcionou à aluna, resultou em uma demonstração de carinho. *“E ela foi uma das que falou “Ah, tia eu te amo, não vou te esquecer”.*

A educadora Ana também trouxe um relato importante: “*Eu percebi que ele tava quieto. Quando ele chegou, que eu olhei, eu tive a impressão de que ele ia tocar o terror. E no decorrer da visita ele ficou perto de mim, prestou atenção, queria saber, perguntava, respondia, do jeito dele, claro. Aí no final eu percebi que ele tava com um machucado no dedo. Só que tava muito feio. Eu achei que fosse uma ferida, alguma coisa que inflamou. Aí eu perguntei pra ele “Que que houve com esse dedo? O que que você aprontou, menino?”, num tom de brincadeira, e ele falou que a mãe bateu nele, jogou um negócio nele e bateu na mão. E ele me contou. Foram cinco minutos que eu tive que me segurar pra não chorar. É um aluno que tá bem marginalizado pela escola, pelo professor, você percebe. Só que tem toda uma questão por trás. Ainda falou que ia apanhar quando chegasse em casa, porque um dia antes ele tinha ido pro baile escondido. Aí eu perguntei a idade dele. Ele me disse que tinha 10 anos. Eu fiquei assim “Meu Deus, eu precisava tanto pegar esse menino, conversar, e levar ele pra brincar. Vamos na praia jogar bola?” Eu não queria sentar com ele e falar sobre a vida não. Eu só queria chegar deixar ele ser criança. “Oh, vamos relaxar e tal*”.

Podemos novamente perceber a fragilidade da relação das crianças com os professores e como uma mudança nessa relação poderia ser benéfica para ambos. Nos dois relatos os alunos se sentiram mais à vontade para conversar com os educadores, que dispensaram um pequeno tempo para ouvi-los do que com os professores.

Além disso, essa fala da educadora traz uma reflexão muito importante e contemporânea: com os “relacionamentos virtuais que tornam os laços humanos cada vez mais frágeis” (Fortuna, 2004, p. 4), onde fica o tempo da brincadeira, da troca entre adultos e crianças?

No mundo capitalista, onde quanto mais se trabalha, mais se tem e quanto mais se tem, mais feliz se é, a brincadeira, o tempo em que não estamos produzindo, não tem vez. E, dessa forma, perdemos cada vez mais esse momento de trocas, de interação, afastando ainda mais a criança de nós.

Depois de tais relatos, perguntei “Quais são os tipos de comportamento mais comuns dos alunos dentro dos museus?”. A maioria das respostas envolveu a questão da afobação, da euforia de estar em um lugar novo, diferente, o que leva ao desrespeito às regras pré-estabelecidas, a falta de atenção ao que os monitores falam, o que leva à reação dos professores que, na intenção de controlar seus alunos, de fazê-los obedecer, ou limitam sua liberdade antes da visita ou durante, conforme expressam as seguintes falas:

Ana – *“Uma vez eu recebi um professor e ele já ia falando que não era pra colocar a mão em nada e o nosso conceito de museu é completamente diferente. E os museus estão mudando de forma geral, de maneira geral, mesmo esses que não pode encostar em nada, procuram situações para que haja uma interação maior. Acho que isso é uma coisa: um espaço. Comportamento do aluno: não se sentir à vontade num primeiro momento dentro de um lugar em que ele deveria estar aproveitando a cada segundo, cada minuto de verdade”*.

Maria – “*Eram crianças, fundamental 1. “Então gente...” Não lembro se eu tinha conversado sobre as regras de visitação, algo do tipo. Eu fiz várias perguntas, entre elas eu perguntei “Pode fazer pergunta durante a visita? Pode perguntar?” Aí todo mundo “Não!”. E eu “sim, vocês podem perguntar”. Aí a professora “É. Agora pode”. Eles têm um momento pra pergunta. Não é na hora da dúvida eu levanto o dedo e sinalizo que eu tô com uma dúvida*”.

Essa declaração traz a questão de que até o momento de dúvida é cerceado. Os alunos não podem demonstrar que estão com dúvida em algo. Só podem ter dúvidas quando é liberado, o que tira deles o poder de questionamento, de criticidade, o que vai de encontro com todas as correntes pedagógicas.

Froebel, por exemplo, acreditava que a criança deveria ser livre para conhecer seu corpo e o espaço ao seu redor, além de afirmar que a criança deve criar seus próprios conhecimentos, e não se apropriar dos conhecimentos externos. Por isso, quando expressam dúvidas, devem ser estimulados até que consigam se apropriar do conhecimento associando-o a sua bagagem anterior.

Já Vygotsky (apud Rego, 2010) acredita no poder da interação e, para ele, “ a linguagem é um signo mediador por excelência, pois ela carrega em si os conceitos generalizados e elaborados pela cultura humana” (p. 42). Ou seja, dentro de um espaço de cultura os professores instruem os alunos para que não falem, impedindo os mesmo de interagir com os mediadores e, a partir do que ouvem, pensar, criticar e construir seu conhecimento.

Ponto importante também destacado na entrevista e relacionado ao comportamento foi o fato de os alunos não saberem se comportar fora do espaço escolar, o que deixa as crianças perdidas, sem saber o que pode e o que não pode, como se comportar. E ao verem a liberdade ou o professor, autoridade conhecida, se “submetendo” também ao que é dito pelo mediador, acreditam que as regras acabam fora das fronteiras da escola, não tem valor.

Aproveitando que os educadores estavam falando sobre o comportamento, perguntei sobre os comportamentos dos alunos. “Dentre os comportamentos negativos que foram relatados, quais você acha que se repetem na escola e em casa? Quais deles você acredita que poderiam ser "corrigidos"?”.

“*Eu vejo muita coisa desse mau comportamento por uma falta de base familiar, porque a criança não tem uma atenção em casa. Então ela acaba se comportando mal pra chamar atenção de uma maneira negativa mas que pra ela é suficiente. Ela quer ter a atenção de alguém, então ela acaba sendo rebelde, se comportando mal, respondendo professor*”.

Essa fala da educadora Maria conseguiu traduzir uma síntese das respostas, que giraram em torno da família. A família é a principal responsável, segundo os educadores, por isso. Quando a criança não tem atenção em casa, busca-a em algum outro lugar e, muitas das vezes, chamando a atenção dos adultos, o que pode não ocorrer de forma amena, mas agressiva, transgressora.

No entanto, percebemos, em muitas das falas, que o professor acaba por criar uma relação mais profissional do que afetiva com os alunos, o que traz também a reflexão para a relação da escola com os alunos.

A escola tem função de formação integral do ser humano. Logo, seus profissionais devem ter em sua prática, também, um lado humanizado, de preocupação com seus alunos, o que em alguns dos casos não foi visto. E, com isso, os professores se distanciam dos alunos e colocam a culpa na família.

Devemos lembrar que a educação é uma tarefa compartilhada entre escola e família e que o maior beneficiado de uma relação positiva entre estes dois atores é o aluno, seja ele criança ou não.

Uma das falas da educadora Ana também sinalizou que a escola tem uma boa oportunidade de mudar isso e que ela é a melhor opção, uma vez que é mais acessível do que a família. “*A relação familiar é muito mais difícil ser corrigida do que a escola. Eu acho que a escola hoje tem uma grande chance, oportunidade de mudar alguns comportamentos e relações e não fazem por onde. Eu entendo que tem as relações pedagógicas, etc, institucionais. Mas acho que falta um pouco de boa vontade também, porque na família é difícil você intervir, né?*”.

A próxima pergunta foi referente à faixa etária, para saber se existia alguma diferença entre os jovens e as crianças e seus hábitos e comportamentos dentro do museu. “Os piores comportamentos vêm dos mais velhos ou dos mais novos?”. E as respostas, em sua maioria, abordaram não a questão da idade, mas da forma como atingem aos educadores determinados comportamentos.

No geral, sinalizaram que o jovem, que é de quem se espera uma maior compreensão, pois já tem maior consciência de seus atos, é o que mais incomoda, pois sabe que existem consequências. Algumas das vezes esses comportamentos são para chamar atenção de seus pares, como tentativa de se auto afirmar perante o grupo.

Em seguida, perguntei “Que tipos de pessoas, normalmente, acompanham os alunos no museu? Existe diferença quando um visitante vai acompanhado não da escola, mas dos pais/responsáveis? O comportamento, no geral, é diferente? Com quem é melhor, mais obediente, mais focado?”. O objetivo desta pergunta era saber se a visita com familiares se diferenciava da visita com a escola, se os comportamentos se repetiam ou se eram diferentes.

Mais uma vez vemos a questão da família. Os educadores sinalizaram que, quando as crianças estão com parentes, normalmente sentem como se as regras impostas pelos seus são superiores às regras do espaço, conforme fala de Maria:

“*Acho que a criança tende a se sentir num ambiente mais confortável e acaba ficando mais displicente com relação às regras do lugar. Acho que a criança tem a sensação do “ah, com a minha mãe eu posso tudo, exceto as regras que ela me impõe... fora isso eu posso tudo porque eu tô com ela*”.

Além disso, a educadora sinalizou algo muito importante em relação à imagem que acredita que os alunos têm dos educadores, quando diz: “*Com a escola não. Eu acho que eles acabam associando a nossa imagem com a imagem do professor. Até a maneira de lidar, de falar, a maneira como eles chamam de tio, de tia, professora*”.

Por último, perguntei sobre o desrespeito. “É comum o desrespeito aos professores ou aos monitores? Os professores conseguem lidar bem com as turmas, no geral?”.

Em resposta a essa pergunta, a educadora Ana ressaltou que é uma situação muito incerta, pois “*é complicado porque quando o aluno já vem com uma resistência com o professor, ou ele já vai ter aquela resistência contigo ou vai ser completamente diferente*”.

Carolina, por sua vez, trouxe um olhar diferente, abordando o comportamento das professoras que tendem a dois comportamentos: ou mascaram sua reação à desobediência, pois “*o que ela gritaria na sala de aula, ela não grita na sua frente*”, ou relaxam pois seus alunos estão sob responsabilidade dos educadores, já que estes são as “autoridades” dentro do museu.

Diante dos dois relatos, a educadora Maria sintetizou as ideias com o relato de sua experiência com uma das turmas que visitava o espaço:

“*Uma menina desrespeitou completamente a professora, de uma maneira que me tirou do sério. Eu chamei a atenção dela muito seriamente. Ela segurou e comigo ela foi ótima na visita. Mas ela desrespeitou. A professora tava chamando a atenção dela e ela debochou da professora friamente fazendo careta a três centímetros do rosto da professora. Então aquilo ali pra mim foi inadmissível naquele momento. Então chamei a atenção dela, disse que não iria tolerar esse comportamento e a partir dali ela mudou. Mas eu sentia que em pontos isolados ela se mantinha com o mesmo relacionamento com a professora, mas comigo, quando eu falava, ela já ficava tranquila. Não tive problema com ela*”.

Aqui, podemos perceber a diferença da relação entre professor-aluno e educador-aluno. O professor, com quem a criança passa a maior parte de seu tempo é desrespeitado e desafiado, enquanto a educadora, com quem a criança teve um breve contato, foi respeitada. Podemos perceber então que essa relação desgastada vem percorrendo esse caminho há algum tempo.

**Considerações finais**

Diante do que foi apresentado e dos relatos de experiência dos educadores do Centro Cultural Light, percebe-se que a família ainda é o primeiro e mais fundamental espaço de interações para as crianças e jovens. É dentro deste ambiente que se estabelecerão trocas indispensáveis de histórias, experiências e a aproximação de adultos, jovens e crianças, o que possibilitam o diálogo, a parceria e a cumplicidade. No entanto, não se pode tirar a importância da escola.

Há de se considerar que a escola é onde a criança passa grande parte de seu tempo. É nela que irá interagir com seus pares, aprender a se comportar de acordo com regras e a viver em sociedade, mas é também onde terá contato com conteúdos sistemáticos, que fazem parte da grade curricular estabelecida por lei.

Neste contexto, os museus, espaços culturais e de educação não-formal, contribuem para o conteúdo visto em sala de aula. Entretanto, conforme os relatos, podemos perceber que as relações existentes nas escolas ultrapassam suas fronteiras e chegam também a estes espaços outros, influenciando no trabalho dos educadores.

Como um espaço de aprendizagem, dentro dos museus também deve haver relações harmoniosas entre aqueles que lá estão. No entanto, as relações estabelecidas entre os educadores e os alunos mostrou a importância da atenção e da conversa.

A partir dos relatos, podemos perceber que ainda há muito a se modificar. A relação dos professores com os alunos pode ser uma das portas para essa mudança. Através de uma relação harmônica com os alunos, poderão com eles dialogar e identificar problemas, sendo mais fácil, então, alcançar suas famílias. Com essa mudança, o maior beneficiado será o aluno.

O objetivo inicial deste trabalho era trazer à tona como o comportamento dos alunos pode ser afetado pela falta de limites dada pelos pais e como isso transpassa os diversos espaços em que estes se inserem. Entretanto, com as entrevistas, ficou claro que este é um dos problemas, mas não o único, uma vez que revelou a fragilidade das relações entre pais, alunos e professores.

A partir do que foi visto, percebemos que é necessária uma renovação na escola. Sendo uma instituição voltada para a formação integral do cidadão, dentro dela deve haver também carinho e afeto, pois é uma das necessidades da criança, em especial as mais novas, que estão longe de seus pais. Rotulações como as de aluno-problema não devem existir. As variações de comportamento devem estimular os profissionais a buscar o porquê de tais comportamentos, pois eles podem afetar a aprendizagem e o convívio da criança.

Através deste trabalho trago tais questões para que sejam refletidas. As relações, com a era tecnológica, tendem a ser mais impessoais e frágeis, uma vez que possibilitam o isolamento quando convém. E, isto deve ser pensado, em especial, dentro do ambiente familiar, pois é o primeiro espaço de interações das crianças e, portanto, um dos mais importantes. Precisamos atentar para isso como profissionais da educação e buscar, dentro das limitações que nos são colocadas, buscar uma aproximação com a família, pois é um ambiente que com a tecnologia, a urgência nos movimentos e nas tarefas do dia-a-dia, está tendendo a se fragmentar e a se diluir, mesmo que dentro de um mesmo lar.

**Bibliografia**

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação e da Pedagogia: geral e Brasil. 3. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. Manual da marca Ibram. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/03/manual.pdf>. Acesso em: 28/05/2014

CARVALHO, Maria Cristina; PORTO, Cristina Laclette. Crianças e adultos em museus e centros culturais. In: CARVALHO, Maria Cristina; NUNES, Maria Fernanda; KRAMER, Sonia (orgs.). Educação infantil: Formação e responsabilidade. 1ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

CORSINO, Patrícia. Pensando a infância e o direito de brincar. In: Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas. Brasília: Salto para o futuro: ano XVIII, boletim 07. 2ª Ed., 2008. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165801Jogos.pdf>. Acesso em: 28/05/2014.

FORTUNA, Tânia Ramos. “A reinvenção da infância: apontamentos sobre a infância na contemporaneidade”. Porto Alegre, Pátio Educação Infantil, 2004/2005.

FROEBEL, Friedrich. " A educação do Homem". Passo Fundo, UFP: 2001

IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2001-2011, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=6&op=0&vcodigo=PD284&t=pessoas-referencia-familia-anos-estudo>. Acesso em: 20/05/2014.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf>. Acesso em: 22/05/2014

JOBIM E SOUZA, Solange. Educação e felicidade na cultura do consumo. In: JOBIM E SOUZA, Solange. “Educação e pós-modernidade”. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006.

MACHADO, Hilka Vier. Reflexões sobre concepções de família e empresas familiares. Psicol. estud.,  Maringá,  v. 10,  n. 2, Aug.  2005 .   Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-73722005000200019&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 10/10/2012

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios.Estud. psicol. (Campinas),  Campinas,  v. 27,  n. 1, Mar.  2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 26/11/2012.

POCHMANN, Marcio. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa?.Educ. Soc.,  Campinas,  v. 25,  n. 87, Aug.  2004 .   Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 10/10/2012.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 21. Ed. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2010.

REIS, Teuler. Educação e Cidadania: a batalha de uma educação comprometida. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: Novas tecnologias, trabalho e educação. Petrópolis /RJ : Vozes, 1994.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo/ Richard Sennett: tradução Marcos Santanna – 2ª tiragem – Rio de Janeiro: Record, 1999.

TIRIBA, Léa. Pensando mais uma vez e reinventando as relações entre creche e famílias. In.: GARCIA, R. L.; LEITE, Aristeu (org.) Em defesa da Educação Infantil. Rio de Janeiro: DP e A, 2001.

SAVIANI, Demerval. O trabalho como princípio educativo frente as novas tecnologias. Disponível em: <http://forumeja.org.br/go/files/demerval%20saviani.pdf> Acessado em: 20/03/2013

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. Temas Atuais de Educação e Gestão. In: SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. Caminhos e Descaminhos da Educação Brasileira. São Paulo: Editora Integrare, 2011.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Masculino e feminino na família contemporânea. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004>. Acessado em: 10/10/2012

WAGNER, Adriana. Et. al. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. Psicologia: Teoria e Pesquisa., Mai-Ago 2005, vol. 21., n. 2., pág. 181-186. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n2/a08v21n2.pdf>. Acesso em 18/12/2012.

1. Desde 1988, graças à luta dos movimentos feministas e dos educadores, a Educação Infantil passou a ser obrigação do Estado e direito das crianças. Com a Lei de Diretrizes e Bases, a Educação Infantil passou a ser a primeira etapa da Educação Básica e deve ser realizada em creches e pré-escolas. [↑](#footnote-ref-1)